

Colin J. Humphreys

O Mistério da Última Ceia

Uma viagem histórica
aos últimos dias de Jesus

OPICINA
DO LIVRO

ÍNDICE

<i>Prefácio por I. Howard Marshall</i>	ix
1 Quatro mistérios da última semana de Jesus	1
2 Datar a crucificação – as primeiras pistas	18
3 O problema da Última Ceia	35
4 É possível reconstruir o calendário judaico na altura de Cristo?	52
5 A data da crucificação	78
6 A Lua transformar-se-á em sangue	103
7 Terá Jesus utilizado o calendário solar de Qumran para a Última Ceia?	122
8 Estará no antigo Egito a chave para resolver o problema da Última Ceia?	141
9 A descoberta do calendário perdido do antigo Israel	155
10 Seria o calendário judaico perdido utilizado em Israel na altura de Jesus?	173
11 A data da Última Ceia: as pistas escondidas nos evangelhos	193
12 Da Última Ceia à crucificação: uma nova análise dos relatos dos evangelhos	216
13 Uma nova reconstrução dos últimos dias de Jesus	245
<i>Agradecimentos</i>	253
<i>Notas</i>	255
<i>Bibliografia</i>	283
<i>Índice da Bíblia e de outras fontes antigas</i>	291

1 Quatro mistérios da última semana de Jesus

Numa distante manhã de primavera, num canto remoto do império romano, os soldados crucificaram um judeu da Galileia conhecido como Jesus de Nazaré. Sem dúvida que as autoridades acreditavam que ele seria rapidamente esquecido, um mero rumor na história, um entre muitas centenas que foram crucificados. No entanto, quase dois mil anos depois, Jesus é universalmente reconhecido como uma das mais importantes pessoas que alguma vez viveu; muitos dirão que é a pessoa mais importante.

A semana em que Jesus morreu é, sem dúvida, uma das mais importantes na história do mundo. Provavelmente, escreveu-se mais sobre esta semana («Semana da Paixão» ou «Semana Santa») do que sobre qualquer outra semana na história. Existem provavelmente mais pinturas da crucificação do que qualquer outro acontecimento histórico (por exemplo, ver fig. 1.1). Há, no entanto, um problema. As nossas principais fontes de informação acerca da última semana de Jesus, os quatro evangelhos, parecem contradizer-se uns aos outros. O objetivo deste livro é apresentar novas informações que revelam que os quatro evangelhos oferecem, de facto, um relato consideravelmente coerente dos últimos dias de Jesus. Isto permite-nos reconstruir esses dias ao pormenor. As novas informações apresentadas neste livro proporcionam também uma nova luz sobre o nosso entendimento das palavras e atos de Jesus.

Richard Dawkins, antigo professor para a Compreensão Pública da Ciência na Universidade de Oxford, escreve: «Embora Jesus tenha provavelmente existido, reputados estudiosos da Bíblia não consideram, em geral, o Novo Testamento (e, obviamente, não o Antigo Testamento) como um registo seguro do que aconteceu, de facto, na história (...) A única diferença entre *O Código Da Vinci* e os evangelhos é que os evangelhos são ficção antiga enquanto *O Código Da Vinci* é ficção moderna (...) O que eu, como cientista, acredito (a evolução, por exemplo) faço-o não porque li um livro sagrado mas porque estudei as provas.»¹ Já que este livro tem as provas em consideração, veremos se é realmente verdade que «a única diferença entre *O Código Da Vinci* e os evangelhos é que os evangelhos são ficção antiga enquanto *O Código Da Vinci* é ficção moderna».

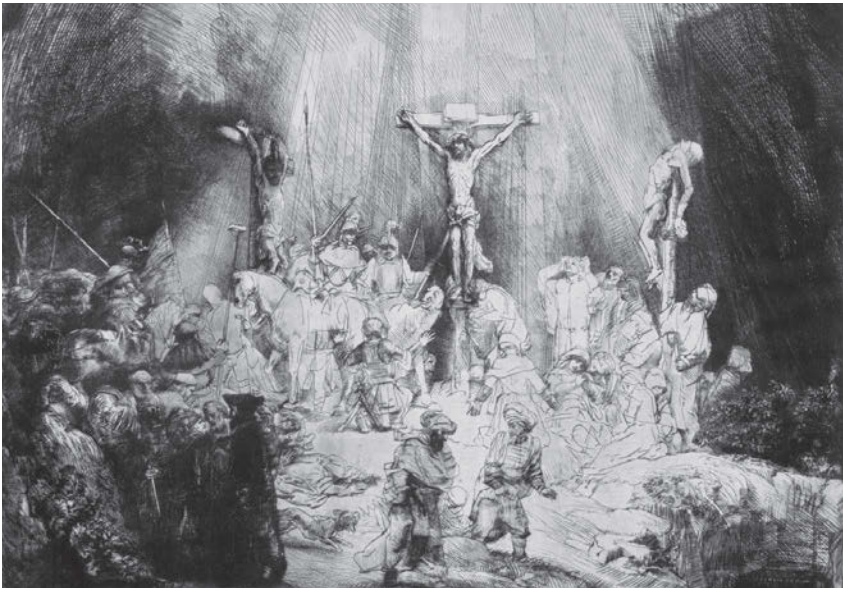


Fig. 1.1 – *As Três Cruzes*. Gravura de Rembrandt (1653). A Bíblia era a mais importante fonte de inspiração de Rembrandt.

Permitam-me que me apresente. Sou, ao mesmo tempo, um cientista e alguém que estudou a Bíblia. Em 2009, fui orador convidado numa importante conferência bíblica internacional (o encontro anual da Sociedade de Literatura Bíblica em Nova Orleães) e fui convidado para falar em dez conferências científicas internacionais, em locais que vão desde o Japão à Índia. Fui publicado em importantes revistas bíblicas, tais como a *Vetus Testamentum*, e importantes revistas científicas, como a *Nature*. Tal como Dawkins, acredito na importância das provas e este livro baseia-se em provas. Utilizei uma combinação de argumentos históricos e científicos para perceber o que pode deduzir-se acerca da Última Ceia e dos últimos dias de Jesus tendo em consideração todas as provas disponíveis, não só do Novo Testamento mas também do Antigo Testamento, dos Manuscritos do Mar Morto, de antigos textos egípcios, babilónios, romanos e judaicos e do uso da astronomia para reconstruir calendários judaicos. Procurei os conselhos dos mais importantes estudiosos da Bíblia e de um conceituado advogado de Londres, perito na avaliação de provas.

Como Dawkins diz, muitos reputados estudiosos da Bíblia não consideram o Novo Testamento como um registo seguro do que realmente aconteceu. Uma das grandes razões é a aparente discrepância dos evangelhos no que diz respeito aos últimos dias de Jesus. Se os evangelhos não são capazes de estar de acordo acerca de acontecimentos-chave como a data da crucificação e a data e a natureza da Última Ceia, como podemos então confiar em todos eles? No entanto, se for possível demonstrar que, de facto, os evangelhos estão de acordo em relação a estas questões, tal retira um fundamento importante para o ceticismo de muitos estudiosos.

Escrevo este livro quer para o público em geral quer para os estudiosos bíblicos. O texto principal dirige-se ao público em geral

e não pressupõe qualquer conhecimento de especialista. A secção «Notas» no fim do livro, em que mergulho mais profundamente em questões difíceis ou controversas e ofereço referências completas, será relevante para estudiosos bíblicos e teólogos. Concluo cada capítulo com um resumo e as principais conclusões do livro são reunidas no Capítulo 13.

Se ler os relatos dos últimos dias de Jesus nos quatro evangelhos, descobrirá que existem algumas passagens em que parecem contradizer-se uns aos outros. Por exemplo, Mateus, Marcos e Lucas afirmam que a última refeição de Jesus com os seus discípulos foi uma ceia de Páscoa judaica, enquanto João declara que a Última Ceia, e também o julgamento e a crucificação de Jesus, tiveram lugar *antes* da refeição pascal. É por causa de problemas como este que muitos estudiosos da Bíblia acreditam que os quatro evangelhos estão repletos de contradições e discrepâncias.

Poderá, no entanto, ser que os relatos dos evangelhos dos últimos dias de Jesus não estejam cheios de discrepâncias, mas que nós não sejamos capazes de compreender o que está escrito nos evangelhos por causa da nossa falta de conhecimento acerca da vida em Israel no primeiro século da nossa era? Será que a *nossa* ignorância nos impede de interpretar alguns versículos-chave dos evangelhos da maneira que os autores pretendiam? Estas aparentes discrepâncias motivam alguns dos maiores mistérios em redor do que aconteceu realmente a Jesus nos dias anteriores à sua crucificação que nunca foram solucionados. Que mistérios são estes, então? Permitam-me descrever quatro deles.

1 O dia perdido de Jesus

Não há dúvida de que os últimos dias de Jesus foram de suma importância para os autores dos evangelhos.

Mateus dedica sete capítulos (21 a 27, cerca de 25 por cento do seu evangelho) à descrição do que Jesus fez e disse na semana que antecedeu a sua crucificação. A mesma semana constitui mais de 30 por cento do evangelho de Marcos, cerca de 20 por cento do de Lucas e quase 40 por cento do de João. Apesar desta quantidade de informação, quando os estudiosos tentam reconstruir o que aconteceu em cada dia da semana, muitos concluem que existe um «dia perdido», em que nada parece ter acontecido. Trata-se da quarta-feira antes da crucificação de sexta-feira. Por exemplo, a amplamente utilizada Bíblia de Estudo da Nova Versão Internacional (NVI)² analisa os acontecimentos de cada dia da última semana de Jesus e escreve: «Dia de descanso: quarta-feira: Não mencionado nos Evangelhos.»³

Isto é curioso. O dia judaico de descanso era o *sabat*, que ia da noite de sexta-feira à noite de sábado. Teria Jesus tirado um dia de descanso adicional pouco antes de morrer? Fica claro pela leitura dos evangelhos que Jesus esteve bastante ocupado na última semana antes da crucificação. Mesmo que Jesus tenha passado todo este dia em oração, seguramente que pelo menos um dos evangelhos o teria mencionado. Por que razão existe, então, um «dia perdido»? Este é, assim, o primeiro mistério da última semana de Jesus: o que fez Jesus, ou o que lhe aconteceu, na «quarta-feira perdida»?

2 O problema da Última Ceia

O segundo mistério é a relação entre a Última Ceia e a Páscoa judaica. A Última Ceia é uma das mais famosas refeições

da história. É comemorada todas as semanas por milhões de cristãos em todo o mundo, chamando a esta ocasião especial a Ceia do Senhor, a Missa, a Eucaristia, a Fração do Pão ou a Sagrada Comunhão.

A Última Ceia é descrita nos quatro evangelhos, e a refeição, mais as palavras de Jesus no fim, ocupam nada mais nada menos do que 226 versículos dos evangelhos. Ainda assim existe um problema. Mateus, Marcos e Lucas declaram explicitamente que a Última Ceia foi uma refeição de Páscoa. Por outro lado, o evangelho segundo João diz, também de forma clara, que a Última Ceia teve lugar *antes* da refeição da Páscoa. John Meier, autor do mais recente grande estudo histórico da vida de Jesus, escreve: «Os sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) e João estão em desacordo direto acerca da natureza da Última Ceia como refeição de Páscoa e acerca da data da morte de Jesus.»⁴ A ceia de Páscoa era, e ainda é, sem dúvida, a mais importante refeição do ano para os judeus. É a ocasião em que se comemora o êxodo dos escravos israelitas do Egito e o nascimento de Israel como nação. São lidas, na refeição, partes do livro do Êxodo e a história da Páscoa original é recontada e celebrada. Por estas razões, a refeição de Páscoa é muito mais importante para os judeus do que a ceia de Natal é para a maioria dos cristãos. Os judeus *nunca* se enganariam sobre se era ou não uma refeição de Páscoa.

Os primeiros cristãos começaram provavelmente a celebrar a Última Ceia pouco depois de Jesus morrer. O apóstolo Paulo, por exemplo, escrevendo cerca de 55 d.C. à igreja de Corinto, refere-se à sua *existente* comemoração da Última Ceia e recorda-lhes como deve ser celebrada (1.ª Coríntios 11, 17-34). A maioria dos estudiosos acredita que os evangelhos foram escritos na sua forma definitiva no período entre 60 e 100 d.C., mas a partir de fontes mais antigas. Os autores

dos evangelhos deveriam ter sabido se a Última Ceia foi uma celebração de Páscoa. Então, por que motivo Mateus, Marcos, Lucas e João estão, aparentemente, em desacordo? Embora os evangelhos tenham sido provavelmente escritos na sua forma definitiva depois de 60 d.C., não podemos esquecer as palavras do início do evangelho de Lucas: «Visto que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram “Servidores da Palavra”» (Lucas 1, 1-2). Lucas reivindica fontes de testemunhas oculares. Testemunhas oculares teriam sabido se a Última Ceia era ou não uma refeição de Páscoa.

O problema da natureza da Última Ceia é bem conhecido pelos estudiosos desde há séculos. Não se chegou a um consenso, pelo que hoje metade das igrejas do mundo utilizam pão ázimo porque acreditam que a Última Ceia teve lugar antes da refeição de Páscoa. O segundo mistério da última semana de Jesus é, assim, se a Última Ceia foi ou não uma refeição de Páscoa.

3 Pouco tempo para os julgamentos de Jesus

O terceiro mistério da última semana de Jesus parece ser a falta de tempo suficiente para o julgamento e para todos os outros acontecimentos que os evangelhos registam entre a prisão de Jesus e a sua crucificação. Os autores dos evangelhos divergem quanto aos acontecimentos que registam entre a Última Ceia e a crucificação. Liste-os no quadro pela ordem *exata* em que ocorrem em cada evangelho.

O MISTÉRIO DA ÚLTIMA CEIA

Acontecimentos entre a Última Ceia e a crucificação registados em cada evangelho

Mateus	Marcos	Lucas	João
Última Ceia	Última Ceia	Última Ceia	Última Ceia
Monte das Oliveiras	Monte das Oliveiras	Monte das Oliveiras	Olival
Getsémani	Getsémani		
Jesus reza	Jesus reza	Jesus reza	
Discípulos adormecem	Discípulos adormecem		
Jesus reza	Jesus reza		
Discípulos adormecem	Discípulos adormecem		
Jesus é preso	Jesus é preso	Jesus é preso	Jesus é preso
			Conduzido a Anás
			Primeira negação de Pedro
			Interrogado por Anás
Conduzido a Caifás	Conduzido ao Sumo Sacerdote	Conduzido ao Sumo Sacerdote	Conduzido a Caifás
		Pedro nega três vezes	Pedro nega mais duas vezes
		Galo canta	Galo canta
Julgamento pelo Sinédrio	Julgamento pelo Sinédrio	Julgamento pelo Sinédrio	
Pedro nega três vezes	Pedro nega três vezes		
Galo canta	Galo canta		
Jesus entregue aos guardas	Jesus entregue aos guardas		
Sinédrio reúne	Sinédrio reúne		

UMA VIAGEM HISTÓRICA AOS ÚLTIMOS DIAS DE JESUS

Julgamento por Pilatos	Julgamento por Pilatos	Julgamento por Pilatos Julgamento por Herodes Julgamento por Pilatos	Julgamento por Pilatos
Libertação de Barrabás	Libertação de Barrabás	Libertação de Barrabás	Libertação de Barrabás
Jesus chicoteado	Jesus chicoteado		Jesus chicoteado
Soldados riem de Jesus	Soldados riem de Jesus		Soldados riem de Jesus Condenado por Pilatos
Simão carrega a cruz	Simão carrega a cruz	Simão carrega a cruz	
Crucificação	Crucificação	Crucificação	Crucificação

Porque diferem os relatos dos evangelhos sobre os acontecimentos entre a Última Ceia e a crucificação? Se ler relatos de jornais diferentes sobre o mesmo acontecimento, por exemplo os trágicos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 nos EUA, concluirá que jornais diferentes contam, no geral, a mesma história mas dão pormenores diferentes. Por exemplo, um jornal pode contar como um bombeiro de Nova Iorque fez um corajoso salvamento nos edifícios do World Trade Center enquanto outro jornal omite esta história mas diz-nos a altura dos edifícios. Para poder reconstruir da forma mais completa possível o que aconteceu a 11 de setembro, é necessário juntar todos os relatos. Do mesmo modo, para reconstruir o que aconteceu na vida de Jesus, temos de juntar a informação dos diferentes evangelhos. Os quatro evangelhos oferecem-nos quatro retratos de Jesus. Como quatro artistas que pintam a mesma

cena, mas em posições e perspectivas diferentes, cada evangelho dá-nos uma visão diferente da vida de Jesus.

O quadro nas páginas 8-9 mostra que os evangelhos de Mateus e Marcos registam acontecimentos muito semelhantes. Muitos estudiosos acreditam que o evangelho mais antigo é o de Marcos e que Mateus utilizou Marcos como fonte (alguns estudiosos acreditam no contrário). O evangelho de Lucas omite alguns acontecimentos que constam nos livros de Mateus e Marcos e acrescenta nova informação. No entanto, os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são, *grosso modo*, semelhantes e são amiúde chamados de evangelhos sinóticos.⁵ O evangelho de João, por outro lado, foi provavelmente escrito em último lugar e difere, com frequência, dos sinóticos. João deixa de fora bastante informação dos sinóticos e introduz uma grande quantidade de material novo. Há um grande imediatismo nos escritos dos evangelhos sinóticos, enquanto João é mais refletivo e teológico. No entanto, só porque o evangelho de João é mais teológico do que os sinóticos, isso não quer dizer que seja menos factual historicamente.

O que considero notável na lista de acontecimentos mostrados no quadro é o alto grau de concordância entre os evangelhos sobre a ordem dos acontecimentos, no geral, embora diferentes evangelhos omitam diferentes acontecimentos. A aparente exceção está nas três negações de Pedro e o canto do galo que está associado (regressarei ao assunto no Capítulo 12). Isto significa que cada autor dos evangelhos deve ter sido consideravelmente cuidadoso para acertar com a ordem dos acontecimentos ou que cada um deles «herdou» uma já bem estabelecida ordem de acontecimentos que lhe foi passada. Seja como for, o acordo dos quatro evangelhos sobre a ordem dos acontecimentos entre a Última Ceia e a crucificação é impressionante.

E então as aparentes contradições menores no quadro? Por exemplo, após a Última Ceia, Mateus e Marcos descrevem a ida de Jesus ao monte das Oliveiras e depois a um lugar chamado Getsémani, mas João coloca Jesus num olival. Estas aparentes contradições desaparecem se soubermos aramaico, já que *Getshemane* é a palavra aramaica para «fábrica de azeite», um local para extrair o azeite das azeitonas. Juntando a informação dos quatro evangelhos, podemos deduzir que, depois da Última Ceia, Jesus e os seus discípulos foram ao monte das Oliveiras (Mateus, Marcos e Lucas), assim chamado por causa das muitas oliveiras que cresciam naquele monte, e que ainda hoje existem, e foram a um olival que ali existia (João), onde havia um local para extrair o azeite das azeitonas (o Getsémani de Mateus e Marcos). Não existe, assim, qualquer contradição; os evangelhos estão sim a dar-nos informação complementar que, junta, nos permite obter um retrato mais completo de onde Jesus e os seus discípulos foram depois da Última Ceia.

Se aplicarmos o mesmo raciocínio e juntarmos todos os acontecimentos listados nos evangelhos como tendo ocorrido entre a Última Ceia e a crucificação, obtemos assim a seguinte lista:

Última Ceia

Monte das Oliveiras

Getsémani

Jesus reza

Discípulos adormecem

Jesus reza novamente

Discípulos adormecem novamente

Jesus reza uma terceira vez

Discípulos adormecem uma terceira vez

Jesus é preso

Conduzido a Anás

Primeira negação de Pedro e primeiro canto do galo

Interrogatório por Anás
Conduzido a Caifás
Segunda e terceira negações de Pedro
Galo canta novamente
Julgamento pelo Sinédrio
Jesus entregue aos guardas
Jesus novamente perante o Sinédrio
Julgamento de Jesus por Pilatos
Julgamento por Herodes
Pilatos liberta Barrabás
Jesus é chicoteado
Soldados riem de Jesus
Condenado por Pilatos
Simão carrega a cruz de Jesus
Crucificação de Jesus

É aqui que reside o problema. Quer estudiosos da Bíblia quer cristãos de todo o mundo acreditam que a Última Ceia começou após o pôr do Sol na quinta-feira à noite e a crucificação de Jesus teve lugar na manhã seguinte, sexta-feira, às nove horas (a hora terceira, Marcos 15, 25, a contar do nascer do Sol). Os julgamentos de Jesus pelo Sinédrio⁶, Pilatos e Herodes ocorreram em locais diferentes de Jerusalém. Os estudiosos andaram literalmente a correr por Jerusalém com um cronómetro para ver se todos os acontecimentos registados nos evangelhos poderiam caber entre a noite de quinta-feira e a manhã de sexta-feira. A maioria concluiu que tal era impossível.

4 A legalidade dos julgamentos

De modo a tentar encaixar todos os acontecimentos entre a Última Ceia no final da tarde/noite de quinta-feira e a crucificação por volta